



Miguel Costa Junior

Quando não está fotografando carros em alta velocidade, Miguel Costa Junior volta suas lentes para a Arquitetura

RENOVE SEU OLHAR FORA DA zona de conforto

Ser especialista em um determinado segmento é bom, mas o fotógrafo também deve treinar seu olhar em outras áreas, como atestam quatro ótimos profissionais

POR MÁRIO FITTIPALDI

Quando começou a fotografar, Miguel Costa Junior tinha uma única certeza: queria se especializar em esportes a motor. Hoje consagrado na área, também volta seus olhos acostumados a registrar carros a mais de 250 km/h para algo bem parado, arquitetura e paisagem. Já Fabio Colombini, que se notabilizou por imagens de natureza, tem formação

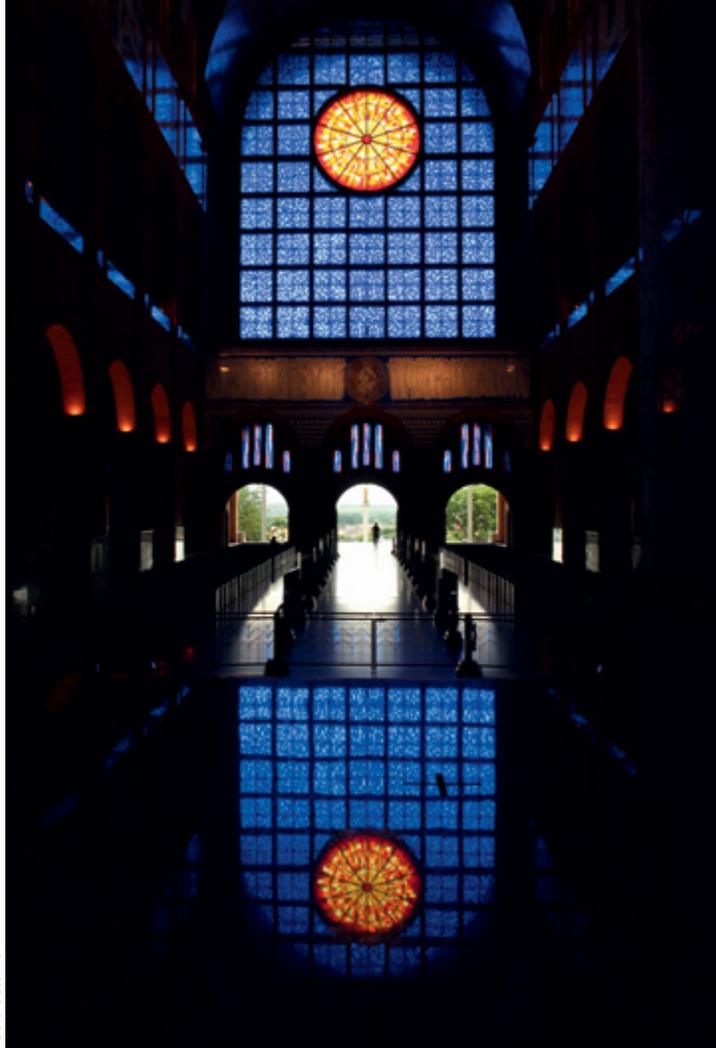
em Arquitetura e usa seus conhecimentos para clicar a arte sacra de santuários, como a documentação do Santuário de Aparecida. Luciana Cattani, por sua vez, se especializou em casamentos e eventos, mas tem um extenso trabalho autoral de documentação de festas folclóricas e religiosas brasileiras. E Jone Roriz fez fama na área esportiva, mas tem um lado menos conhecido, clicando indústrias para o mer-

cado corporativo, além de fazer documentários e reportagens diversas com imagens subaquáticas.

Seja por diletantismo ou oportunidade de trabalho, o que une esses quatro profissionais é o fato de que nenhum deles se prende ao segmento que os tornou conhecidos, desenvolvendo também trabalhos paralelos ou projetos pessoais. E os quatro são unânimes em afirmar, cada um a seu modo, essa fuga da



Fabio Colombini



Acima, vitrais da Basílica de Aparecida, por Fabio Colombini (à esq.), e dançarino de Maracatu, por Luciana Cattani (à dir.)



Luciana Cattani

zona de conforto para exercer a diversidade só tem a agregar qualidade ao ato de fotografar, qualquer que seja o segmento.

OLHOS DE TELE

Miguel Costa Junior é um dos principais nomes da fotografia de esportes a motor no Brasil. Cobriu diversas provas do mundial de Fórmula 1 e de Fórmula Indy nos Estados Unidos. Também acompanhou as carreiras de pilotos como Nelson Piquet e Ayrton Senna, só para ficar nos mais famosos. Fora das pistas, dedica-se a registrar arquitetura e paisagens. As cenas vão surgindo quando ele anda a pé ou de transporte público pelas cidades onde passa, identificando, mesmo de muito longe, detalhes ou recortes na paisagem urbana. “Fotogra-

Jonne Roriz



Jonne Roriz sai da zona de conforto quando faz imagens subaquáticas

far automobilismo me deu rapidez no olhar. E, de tanto usar teles para fotografar carros, aprendi a isolar o detalhe do todo”, justifica.

Seu projeto Fragmentos de Ar-

quitetura trata justamente disso: detalhes inusitados, composições geométricas, linhas paralelas e outras figuras que encontra nas edificações por onde passa. Muitas vezes explo-



Miguel Costa Junior afirma que seus projetos em Arquitetura (abaixo) o ajudam a trabalhar o lado artístico das fotos de automobilismo (acima)

ra reflexos distorcidos e, não raro, trata suas imagens para obter efeitos especiais coloridos. “Sou muito ligado no desenho das coisas, independentemente do que estou fotografando”, explica Costa Junior, que tem formação em Artes Plásticas e é fascinado por arquitetura. O trabalho paralelo rendeu uma exposição individual em 2017

no Espaço Mestiço, em São Paulo (SP), e suas fotos estão em exposição nas galerias online Blombô e Online Quadros.

Ele diz que sempre tentou criar uma linguagem diferenciada para suas imagens. Quando fotografa corridas, procura sempre explorar o movimento. “Uso muito a técnica do *panning*, do fundo borrado, mas desenvolver outros trabalhos mais plásticos também me ajudou a criar imagens de automobilismo mais artísticas, que exploram a beleza da composição”, afirma. Segundo ele, ocorre uma espécie de simbiose entre tudo o que fotografa: “Uma coisa ajuda a outra”, afirma.

BICHOS E ARTE SACRA

Com 30 anos de experiência em fotografia de natureza e vida selvagem, e mais de uma dezena de livros publicados, Fabio Colombini vem se dedicando, nos últimos anos, a documentar arte sacra. No entanto, ele diz que não se trata propriamente de sair da zona de conforto, até porque sua especialidade não é exatamente confortável. “O ambiente é muito exigente, pelas condições difíceis que impõe ao fotógrafo e, especialmente, na questão de tornar isso um meio de vida”, observa. Ele conta que o que o leva a outros caminhos da fotografia é a busca pela beleza. “Não a beleza puramente estética, mas em um sentido mais profundo, espiritual, como sendo a busca pela coisa mais verdadeira e positiva”, explica.

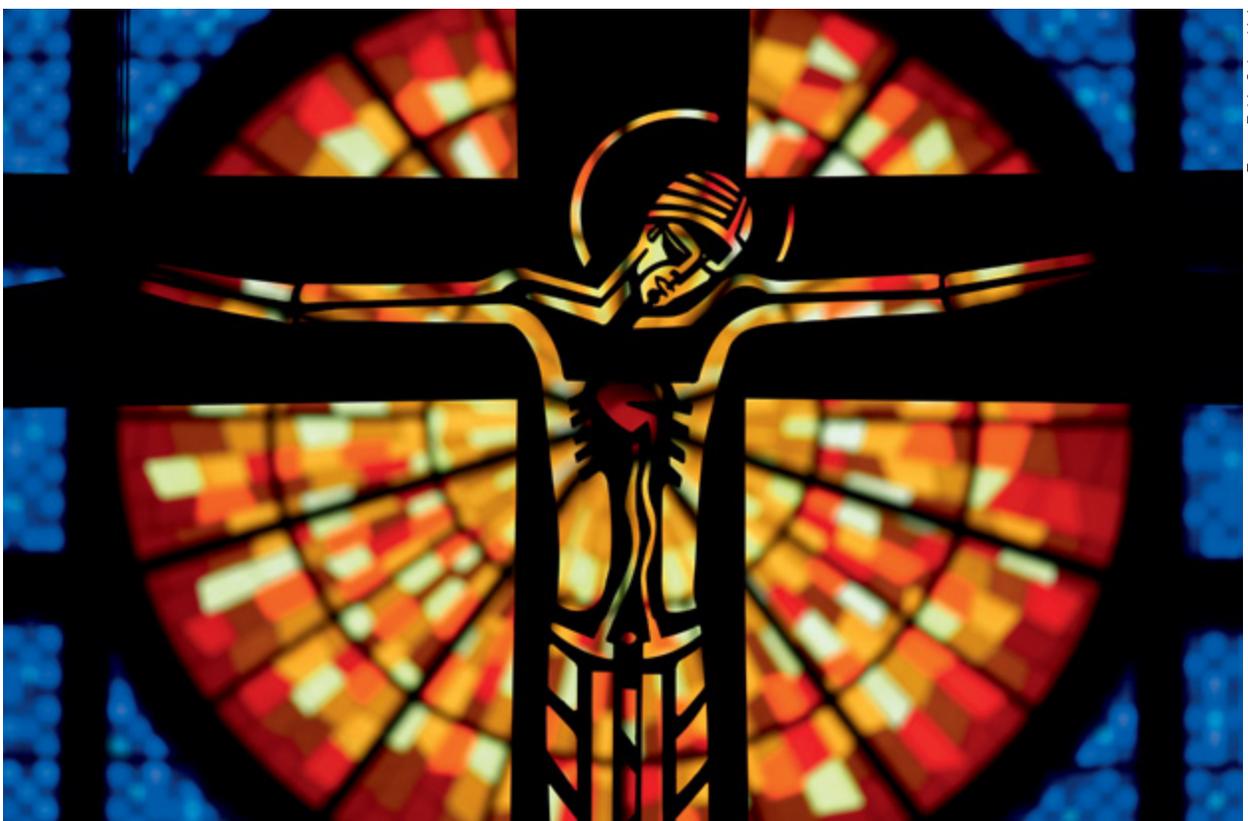
Essa procura o levou ao Santuário de Aparecida (SP) – mais especificamente, ao artista sacro Claudio Pasto, responsável por todo o projeto artístico da basílica. Ele conta que se identificou com o traba-



lho dele, pois viu nas obras a mesma espiritualidade que vê na natureza. “A arte de Pastro é como uma janela, transcende a estética e leva o observador a uma dimensão espiritual, a dimensão de Deus”, analisa. Ao se conhecerem, o artista também se identificou com o trabalho de Colombini e o convidou a fazer um documentário sobre a arte do Santuário. O resultado pode ser conferido no livro *Santuário de Aparecida* (Ed. Santuário, 2017).

O fotógrafo explica que houve uma sinergia muito grande entre eles. “Quando conheci Pastro, ele ainda estava desenvolvendo trabalhos para o Santuário, algo que durou 15 anos”, lembra. Isso permitiu que o artista usasse as fotos de Colombini como inspiração para os mosaicos das colunas do baldaquino, que reproduzem os principais biomas brasileiros – o Cerrado, a Mata Atlântica, a Amazônia e a Caatinga –, e a cúpula central, que tem mais de 2 mil metros quadrados de área. “Foi surpreendente, ele levou a minha experiência de sentir a presença de Deus por meio da natureza para dentro do Santuário. Refotografar as minhas fotos transformadas em arte sacra foi como um círculo se fechando”, emociona-se.

Seja em fotos de natureza ou quando documenta arte sacra, Colombini diz que busca uma beleza espiritual



Fotos: Fabio Columbini



Casamento visto de cima (ao lado) e detalhe da Festa de Iemanjá (abaixo): Luciana Cattani busca ângulos inusitados

CASAMENTO E FOLCLORE

Luciana Cattani gosta de dizer que é uma fotógrafa que também faz casamentos e eventos. Isso porque, durante toda a carreira, jamais deixou de tocar projetos autorais. No começo da vida profissional, fez de tudo um pouco, entre *still*, publicidade e eventos. Fez até um workshop de Fotografia de Natureza com Araquém Alcântara. “Percebi que aquilo não era para mim quando vi que eu gostava mais era da situação de estar todo mundo reunido em um lugar maravilhoso. Acabei fazendo mais fotos das pessoas do que da natureza”, lembra.

A paixão por fotografia de festas populares e folclore começou quando participou de um workshop com o mestre Walter Firmo no início dos anos 2000. O curso incluía viagens pelo interior do Brasil para documentar festas folclóricas e fazer estudos sobre a cor. “Depois, meu marido Gabriel Boieras e eu não paramos mais de viajar e de fotografar”, ela diz. Foram inúmeras festas como a do Divino, quando ocorrem as Cavalhadas em Pirenópolis (GO), a Festa de Iemanjá, em Salvador (BA), O Círio de Nazaré, em Belém (PA), e muitas outras. O resultado está publicado em três livros – *Festas Populares* (Coleção Maravilhas do Brasil, Ed. Escrituras, 2006), *Festas Populares Brasileiras* (Ed. Manole, 2006) e *Brasil em Festas* (2013).

Luciana garante que documentar festas fez com que ela passasse a trabalhar aspectos como o movimento, ângulos diferenciados, a rapidez e a capacidade de improviso, técnicas que acabou levando para a fotografia de casamento. “Faço parte de uma geração que começou a desconstruir aquele padrão certinho, posado, da fotografia de casamento, e as festas populares me ajudaram muito a criar uma linguagem mais livre e criativa para as ▶

